



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Eixo Temático: Educação e Desigualdades

**LEITURA E ESCRITA COMO MODOS DE EXISTIR E RESISTIR: porque ainda é
preciso lutar pelo direito à leitura literária na escola.**

Táise Neves Possani¹
Maria Simone Vione Schwengber²
Fernanda Trein³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo tematizar a formação de leitores e a democratização do acesso à leitura e à literatura, aqui entendidas e defendidas como um direito, à luz do pensamento de Antonio Candido (2011) e como uma forma de *resistência*, baseando-se em estudos de Maria Amália Dalvi (2021). Pretende ainda tematizar acerca do potencial da literatura, da arte e da formação estética e criativa como lugar de autoconhecimento e de *conhecimento do conhecimento*, pautando-se nos estudos da complexidade de Edgar Morin (2015). Como resultados, entende-se que por intermédio da leitura literária o jovem pode ter oportunidades de perceber-se, assim como desenvolver-se em sua humanidade, pelo acesso à palavra, conseguindo chegar tanto à compreensão intelectual, quanto à compreensão humana (MORIN, 2015). Portanto, acessar a palavra literária é um direito e uma forma de resistir e de existir por possibilitar a compreensão do mundo e sua atuação nele.

Palavras-chave: Ensino. Direito. Humanização. Literatura. Resistência.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo tematizar a formação de leitores e a democratização do acesso à leitura e à literatura, aqui entendidas e defendidas como um direito, à luz do pensamento de Antonio Candido (2011) e como uma forma de resistência, baseando-se em estudos de Maria Amália Dalvi (2021). Pretende ainda tematizar acerca do potencial da literatura, da arte e da formação estética e criativa como lugar de

¹ Professora e coordenadora dos cursos de Letras, Pedagogia e História da Unijuí, Mestre em História da Literatura e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. Email: taise.possani@unijui.edu.br

² Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. Email: simone@unijui.edu.br

³ Professora dos cursos de Letras e Pedagogia da Unijuí e Mestre em Letras pela UFSM. Email: fernanda.trein@unijui.edu.br



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



autoconhecimento e de *conhecimento do conhecimento*, pautando-se nos estudos da complexidade de Edgar Morin (2015).

Justifica-se pela necessidade presente de pesquisarmos novos métodos e abordagens para ler literatura com as crianças e com os jovens de forma que os mesmos encontrem nela um espaço de expressão, debate, diálogo, formação e tomada de consciência acerca de si, do outro e do mundo que os cerca, isso levando em consideração a necessidade emergente de, como nos aponta Edgar Morin, de “ensinar os jovens a viver” (2015). Para Morin (2015, p.15), “aprende-se a viver por meio das próprias experiências, primeiro com a ajuda dos pais, depois dos educadores, mas também por meio dos livros, da poesia, dos encontros”. Para o autor (2015, p.35), a “vida é um tecido mesclado ou alternativo de prosa e poesia”. Tal perspectiva nos impulsiona para o estudo acerca da literatura na educação básica, uma vez que a problemática relacionada aos baixos índices de leitura no Brasil e da perda de espaço da disciplina de Literatura no currículo escolar, tem se mostrado um agravante para o problema da leitura e dos letramentos na formação de crianças e jovens no Brasil.

Justifica-se ainda por estarmos, de um lado, diante de um abismo entre a arte, a literatura, consideradas herméticas e eruditas, e a cultura infantil e juvenil, as quais têm sido vistas no século XXI como não leitoras e com pouca ou nenhuma motivação para ler, estudar e pensar, o que acreditamos não passar de afirmações oriundas do *sensu comum* ou pautadas em rótulos vindos de uma visão tradicional sobre o ensino nessa área. Frente a esta questão, percebe-se o quanto é preciso ainda compreender acerca dos processos de letramento e quais as questões têm interferido nesse campo, problematizando a leitura e a escrita como caminhos de resistência em contexto de vulnerabilidade, para que de fato haja um reconhecimento da existência, de si, do outro e de ambos frente ao mundo que os cerca.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por se tratar de um artigo apoiado em leituras e estudos prévios, não é possível pensá-lo senão como uma pesquisa bibliográfica por meio da qual são tematizadas e recolocadas questões em diálogo com produções de outros pesquisadores da área. Gil (2002) caracteriza a pesquisa bibliográfica como aquela que se desenvolve com base em material já



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



elaborado, os quais constituem-se principalmente de livros e de artigos científicos de uma determinada área. Nesse sentido, foram realizadas pesquisas e leituras de textos atuais e também textos clássicos acerca do debate, a fim de não só atualizar o tema, como também, manter seus fundamentos e perspectivas, fazendo novos arranjos teórico-conceituais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A perspectiva aqui apresentada parte da defesa pela valorização do livro como importante suporte do conhecimento humano e da ficção, tão fundamentais para a construção do ser, do saber, da formação humana e de cidadãos críticos e empáticos. Defende que não basta distribuir livros se não forem garantidas outras condições para o pleno funcionamento das bibliotecas escolares/e espaços de leitura integrados ao currículo escolar e aos bairros da cidade, problematizando exatamente o seguinte aspecto: o que deve ser garantido, além do acervo para que os livros sejam lidos e compreendidos? E ainda o que permite que as crianças e os jovens aprendam a viver a partir do conhecimento e da experiência oriundos da leitura, em específico, da literária? Embora não tenhamos pretensão de responder nesse artigo tais questões, o vemos como campo fértil para debatê-las amplamente.

Sabe-se que estão previstas inúmeras ações em prol da formação de leitores e da democratização do acesso aos livros no Brasil, algumas já implementadas, por exemplo a universalização das bibliotecas escolares, prevista como meta do Plano Nacional de Educação (PNE) a ser desenvolvida até 2024, a qual realizou avanços, mas já evidencia limites. Assim, além de estarmos distantes da meta em relação ao acesso aos acervos, é preciso avaliar questões como a qualidade dos mesmos e, principalmente, as condições necessárias para que haja a efetiva formação de leitores em uma perspectiva humanista e crítica, em que bibliotecas sejam vistas como espaços potentes, acolhedores e a serviço das comunidades.

Além disso, a educação escolar e formal no século XXI parece passar por uma perda de seus *sentidos* no que se refere à possibilidade de restaurar a construção de um mundo equilibrado em que possa haver uma postura ética, amorosa e respeitosa dos sujeitos frente à Vida Planetária, uma postura dialógica e amorosa diante de si mesmos e dos outros na construção da teia global. Embora compreenda-se que não cabe à educação, e nesse caso à



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



literatura, um sentido salvacionista capaz de solucionar os problemas do mundo, percebe-se que ambas, a educação e a literatura, são sim caminhos possíveis para um reposicionamento dos sujeitos frente ao seu potencial de escolha, responsabilidade e ética.

Contudo, tomados pela acelerada mercantilização da educação, a partir de políticas e perspectivas econômicas liberais que encontraram na educação, na escola e em seus projetos um meio sobre o qual possa haver lucro e produtividade acima de tudo, é urgente um reposicionamento e um debate capaz de produzir novos sentidos para os espaços educativos formais e não formais, resgatando ideais dialógicos e democráticos para a escola e à educação, bem como estabelecendo diálogos com novas áreas e perspectivas do saber para deixar emergir e se construir novos sentidos para o fazer educativo e para as ações humanizadoras dos processos educativos em uma perspectiva complexa (MORIN, 2015).

Assim, retomar o debate acerca do Direito à literatura, independente de raça, classe social, gênero, e da mesma forma trazer à tona a discussão sobre como ela nos permite resistir frente à conjuntura precarizada da educação pública no Brasil é ainda necessário. Para Candido, talvez a literatura não assegure a integridade física, como outros direitos já instituídos, moradia, educação, acesso à saúde, alimento etc, mas garante a integridade espiritual. Assim, defendemos que a escola e a sociedade deve dar às crianças, jovens e adultos o que lhes é de direito e que, no bojo de Candido, o acesso à arte e à literatura é de direito de todos e deve ser respeitado, sendo ele um dos possíveis caminhos para o que aqui denominamos de autoconhecimento e humanização. Para Candido,

talvez não há equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (2011, p.177).

O autor define a literatura como sendo “todas as obras de toque poético, ficcional ou dramático e, todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (Candido, 2011, p.176). Junto com Candido (2011), queremos defender o direito de toda criança, jovem e adulto de ter acesso à literatura e à arte justamente por serem elas o caminho que aqui propomos para a educação dos seus sentimentos, para o autoconhecimento em uma proposta de libertação da consciência por um caminho sensível e



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



subjetivo que perpassa, simultaneamente, pelo conhecimento e pensamento crítico, como aponta Morin (2015, p. 16) “o ensino da literatura é ainda mais útil pelo fato de desenvolver, ao mesmo tempo, a sensibilidade e o conhecimento.”

Além disso, é na linguagem e por ela que podemos dizer algo novo sobre nós, sobre nossas experiências. Assim, compreendemos as linguagens no sentido da abertura, da percepção para muito além do pensamento racional, da racionalidade produzida. De fato, para além da faceta da razão, é preciso tocar o não tocado, o abstrato, o intangível, o não sabido, o que paira, que está além, mas que está ainda assim presente: as dimensões estéticas, poéticas sobre o mundo, sem contudo abrir mão dos ganhos oriundos do conhecimento e do pensamento crítico.

Portanto, reconhece-se o potencial da literatura e das expressões artísticas em geral para a educação do sensível, capaz de auxiliar as crianças e jovens na sua vida de relações pessoais, a vida íntima, o uso sensível e prudente dos lazeres (FUMAROLI In.: MORIN, 2010). Nesse sentido,

a escola deve primeiramente tomar uma certa distância em relação ao mundo das urgências imediatas, a fim de construir homens e mulheres interiormente preparados para conhecerem a si mesmos e se desenvolverem em todas as circunstâncias, quer privadas ou profissionais. A função insubstituível da escola é educar para a fala e para a expressão precisas, que são aquisições para sempre, preciosas em todas as profissões e em todas as eventualidades da existência. Devemos restabelecer a liberdade e a diversidade de escolhas e nas formações literárias. (FUMAROLI In.: MORIN, 2010, p. 277)

Entende-se que por intermédio da leitura literária a criança e o jovem podem ter oportunidades de perceber-se, além do mais, a retomada do campo estético na educação se faz necessária para compreendermos os desafios do milênio, como também trazermos ao debate a compreensão do papel do ser, em perspectiva de autoconhecimento, bem como da compreensão de sua relação e compromisso com o outro e ambos com a natureza e os destinos da vida planetária.

Destaca-se ainda que o presente estudo filia-se a uma perspectiva freiriana de educação, no sentido de esperar um futuro diferente do produzido até aqui, bem como traçar uma educação capaz de promover a autonomia, a liberdade, o sonho, a criatividade, a



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



sensibilidade, a alteridade e, principalmente o respeito e a responsabilidade do sujeito pelo seu projeto existencial junto ao projeto do outro e do mundo.

Se “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” (FREIRE, 1996) , é preciso oportunizar a todos os sujeitos a construção de sua própria autonomia, começando por uma educação emancipatória no sentido que nos traz Fensterseifer (2010, p.55) , “a capacidade humana de ‘tomar as rédeas do mundo’”, o que, para o autor, é possível ao considerarmos a historicidade dos sujeitos e do mundo e configura-se como espaço possível da educação e da cidadania, sendo que “a consciência desta ‘plasticidade’ dos sujeitos e do mundo é que nos possibilita pensar uma educação emancipatória.”

Por fim, é preciso que haja uma articulação entre a educação, a literatura e a resistência, a qual perpassa por articularmos questões também advindas dos contextos sociais e econômicos nos quais estão imersos os sujeitos leitores. Para Dalvi,

uma educação literária de resistência precisa assumir a estreita relação entre a literatura e a sociedade. Não é possível continuar supondo que a literatura existe fora de um sistema econômico, político, social e cultural. As obras, os autores, os editores, os críticos, os professores, os mediadores de leitura, os bibliotecários, os consumidores, os jornalistas culturais, os profissionais do marketing literário, os agentes literários, enfim, tudo isso existe numa teia de relações (e escolhas) ideológicas, de apostas em um projeto de sociedade e em um modo de compreender e se relacionar com a alteridade. (2021, p.35)

Frente a isso, temos na educação um compromisso com a formação literária, em uma perspectiva de resistência frente à sua precarização e também à manutenção hegemônica de um distanciamento das classes populares em relação ao livro, à leitura, ao deleite e fruição e, principalmente, à palavra em seu potencial transformador. Aqui a literatura não apenas estabelece uma relação com a pauta sociológica, mas a possibilita e transforma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, percebe-se o quanto é preciso compreender a criação do mundo pela e na linguagem e como um projeto de educação se dá nas novas e possíveis formas de criação e recriação dessa realidade. Para tanto, pode-se pensar junto a Fensterseifer, quando nos esclarece acerca da razão que:



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Assumir a radicalidade de que a própria razão (logos) opera paradigmaticamente, constitui-se em um modo de explicitar o mundo do qual decorre um modo de agir no mundo, nos levaria a reconhecer que estamos já situados em um paradigma constitutivo da condição humana: a linguagem. É nela, com ela e por ela que produzimos significações. É ela nosso limite e nossa possibilidade. Logo, não existe um incondicionado. Logo, não existe um incondicionamento, por que não há humano fora da linguagem – o que não significa dizer que tudo é linguagem – mas afirmar que nossa percepção da realidade é sempre mediada por ela (2010, p.53).

Portanto, percebe-se na linguagem literária o sentido da abertura, da percepção para muito além do pensamento racional, da racionalidade produzida, embora reconheça-se que há nela também um discurso que opera no campo do conhecimento. Por outro lado, percebe-se que aqueles que estão fadados ao empobrecimento da linguagem, perdem o direito à palavra e estão mais vulneráveis e expostos à alienação, dominação, exclusão e violências.

Nessa perspectiva, retomamos Morin (2010) quando esse nos aponta o potencial do texto literário para nos permitir conhecer e sentir ao mesmo tempo, isso por que, para além da faceta da razão, por meio dele torna-se possível tocar o não tocado, o abstrato, o intangível, o não sabido, o que paira, que está além, mas que está ainda assim presente: as dimensões estéticas, poéticas sobre o mundo, sem contudo abrir mão dos ganhos oriundos do conhecimento sobre a realidade, eis aí o poder da linguagem literária.

Assim, reconhece-se o potencial da literatura e das expressões artísticas em geral para a educação do sensível, capaz de auxiliar as crianças e jovens na sua vida de relações pessoais, a vida íntima, o uso sensível e prudente dos lazeres (FUMAROLI In.: MORIN, 2010). Nesse sentido,

a escola deve primeiramente tomar uma certa distância em relação ao mundo das urgências imediatas, a fim de construir homens e mulheres interiormente preparados para conhecerem a si mesmos e se desenvolverem em todas as circunstâncias, quer privadas ou profissionais. A função insubstituível da escola é educar para a fala e para a expressão precisas, que são aquisições para sempre, preciosas em todas as profissões e em todas as eventualidades da existência. Devemos restabelecer a liberdade e a diversidade de escolhas e nas formações literárias. (FUMAROLI In.: MORIN, 2010, p. 277)

Enfim, entende-se que por intermédio da leitura literária o jovem pode ter oportunidades de perceber-se, assim como para desenvolver-se em sua humanidade, pelo acesso à palavra, conseguindo chegar tanto à *compreensão intelectual*, quanto à *compreensão humana* (MORIN, 2015). Além disso, a retomada do campo estético na educação se faz



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



necessária para compreendermos os desafios do milênio, como também trazermos ao debate a compreensão do papel do *ser*, bem como da compreensão de sua relação e compromisso com o outro e ambos com a natureza e os destinos da vida planetária.

Para isso, instigar o potencial imaginativo torna-se imprescindível. Para Nussbaum, “Os cidadãos não conseguem se relacionar de maneira adequada com o mundo complexo que os rodeia unicamente por meio do conhecimento factual e da lógica.” (NUSSBAUM, 2015, p. 95). Defendemos, portanto, que é um direito de todos acessar formas mais elaboradas de pensamento lógico pela palavra e pelas múltiplas linguagens, como também transcendê-las pela poeticidade e plurissignificação do universo literário e poético.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- FAILLA, Zoara. **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Sextante: 2021.
- FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Educação Popular e Paradigmas Emancipatórios**. Revista Contexto e Educação. Ijuí: Editora da Unijuí, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- DALVI, Maria Amélia. **Educação, literatura e resistência**. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MORIN, Edgar. **A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI**. 7 e.d. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. **Ensinar a Viver: manifesto para mudar a educação**. Trad. de Edgard de Assim Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015
- NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos: Por que a democracia precisa das humanidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.